

Os planos da União Europeia para a Ucrânia



Por ANDREW KORYBKO*

A Rússia não pode esperar nada em troca se Vladimir Putin permitir que as tropas aeronaves da União Europeia sejam enviadas e patrulhem a Ucrânia Ocidental

1.

A Rússia há muito alerta que qualquer cessar-fogo incondicional na Ucrânia - como algo em torno de 30 dias que Volodymyr Zelensky propôs - poderia criar uma abertura para a OTAN expandir sua influência militar naquele país. Até então descartada como uma teoria da conspiração pelo Ocidente, a [Rádio Liberty](#) simplesmente revelou o segredo. As autoridades não identificadas citadas em seu artigo recente confirmaram que preveem que isso "dará tempo aos europeus para montar uma 'força de segurança' na parte ocidental da Ucrânia" e organizar "patrulhas aéreas" no país.

O plano de jogo é "manter os americanos a bordo" do processo de paz, "sequenciar" o conflito com um cessar-fogo que posteriormente levará a uma paz duradoura e usar o período interino mencionado para executar as ações militares mencionadas para pressionar a Rússia a fazer mais concessões. O que é omitido do artigo da *Radio Liberty* é que a Rússia ameaçou atacar tropas ocidentais na Ucrânia, que o Secretário de Defesa, Pete Hegseth, [disse anteriormente](#) que não desfrutaria das garantias do Artigo 5 dos EUA.

Mesmo que Vladimir Putin aceite essa concessão - considerada uma das cinco grandes diferenças entre ele e Donald Trump, que levou Trump a fazer um post furioso contra Vladimir Putin - segundo a *Radio Liberty*, isso ainda não resultaria no reconhecimento oficial da Europa das conquistas territoriais da Rússia. O mesmo se aplica à suspensão das sanções ou à devolução de qualquer parte dos seus € 200 bilhões em ativos apreendidos. Mais sanções podem até ser impostas em breve, e os lucros inesperados desses ativos "financiarão as necessidades militares da Ucrânia".

Considerando o que a *Radio Liberty* revelou, a Rússia não pode, portanto, esperar nada em troca da União Europeia se Vladimir Putin permitir que suas tropas e aeronaves se desloquem e patrulhem a Ucrânia Ocidental. Qualquer esperança de restaurar o *status* de estado-tampão da Ucrânia antes da Guerra Civil seria frustrada, e não se pode descartar que a zona de atividade militar da União Europeia possa posteriormente se expandir para o Dnieper ou além. Um dos objetivos da "Operação especial" era impedir a expansão militar do Ocidente para o leste, o que seria outra grande concessão.

2.

a terra é redonda

Nikolay Patrushev, amigo próximo de Vladimir Putin e influente assessor sênior, disse à TASS no início desta semana que “Pelo segundo ano consecutivo, a OTAN está realizando os maiores exercícios em décadas perto de nossas fronteiras, onde está praticando cenários de ações ofensivas em uma grande área - de Vilnius a Odessa, a tomada da região de Kaliningrado, o bloqueio de navios no Mar Báltico e no Mar Negro, e ataques preventivos às bases permanentes das forças de dissuasão nuclear russas”.

O secretário do Conselho de Segurança, Sergey Shoigu, [disse](#) ao mesmo veículo vários dias antes que “No ano passado, o número de contingentes militares de países da OTAN posicionados perto das fronteiras ocidentais da Federação Russa aumentou quase 2,5 vezes [...] A OTAN está migrando para um novo sistema de prontidão de combate, que prevê a possibilidade de posicionar um grupo de 100.000 soldados perto das fronteiras da Rússia em 10 dias, 300.000 ao final de 30 dias e 800.000 ao final de 180 dias”.

Quando a priorização da Linha de Defesa do Báltico pela União Europeia e o complemento do Escudo Oriental da Polônia entram na equação, junto com planos para expandir o “Schengen militar” e acelerar o envio de tropas e equipamentos para o leste, os elementos de uma possível Operação Barbarossa 2.0 ficam evidentes. Vladimir Putin não pode influenciar o que a OTAN faz dentro das fronteiras do bloco, mas tem o poder de impedir sua expansão de fato para a Ucrânia Ocidental durante um cessar-fogo, o que poderia prejudicar parcialmente seus planos especulativos.

Ceder a eles levaria a Bielorrússia, aliada da Rússia na defesa mútua, a ser cercada pela OTAN ao longo de seus flancos norte, oeste e, em seguida, sul. Isso poderia torná-la um alvo futuro tentador, mas a agressão ocidental poderia ser dissuadida pelo contínuo emprego de Oreshniks e armas nucleares táticas da Rússia, estas últimas sobre as quais a Bielorrússia já foi autorizada a usar a seu critério.

Ceder à presença de tropas ocidentais na Ucrânia em troca dos benefícios econômicos e estratégicos que a Rússia espera obter dos EUA, caso a nova “détente” se concretize após um acordo de paz, implicaria custos de segurança convencionais que poderiam ser gerenciados pelos meios descritos anteriormente. Ao mesmo tempo, porém, [linha-duras](#) como Nikolay Patrushev, Sergey Shoigu e o presidente honorário do influente Conselho de Política Externa e de Defesa da Rússia, Sergey Karaganov, poderiam dissuadi-lo de tal acordo.

Vladimir Putin deve, portanto, decidir se esta é uma troca aceitável ou se a Rússia deve correr o risco de perder sua parceria estratégica pós-confílito com os EUA ao continuar a se opor à expansão de fato da OTAN na Ucrânia Ocidental, inclusive por meios militares, caso as forças da União Europeia entrem no país sem a aprovação russa. Sua decisão determinará não apenas o futuro deste conflito, mas também o planejamento de contingência da Rússia diante de uma possível guerra quente com a OTAN, tornando este o momento decisivo de seu governo de um quarto de século.

***Andrew Korybko** é mestre em Relações Internacionais pelo Instituto Estadual de Relações Internacionais de Moscou. Autor do livro Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes (Expressão Popular). [<https://amzn.to/46lAD1d>]

Tradução: Artur Scavone.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)